



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NAILTON NAZARENO CARVALHO DE OLIVEIRA

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-684

Entrevistado: Nailton Nazareno Carvalho de Oliveira

Nascimento: não informado

Local da entrevista: - SESC Castanhal (Pará)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 05 de maio de 2016

Transcrição: Ian Massumi Carneiro Ogawa

Copidesque: Johanna Ermacovitch Coelho

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 45 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Atuação do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); O PELC na cidade de Castanhal; Equipe coordenadora; Atuação projeto piloto PELC; Organização dos polos; Material enviado pelo Ministério; Atividades desenvolvidas. Mudanças geradas pelo PELC na cidade; Projetos vindos pós PELC.

Porto Alegre, 05 de maio de 2016. Entrevista com Nailton Nazareno Carvalho de Oliveira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Professor, primeiro muitíssimo obrigada por atender a gente. O Centro de Memória agradece a sua disponibilidade e eu queria que você começasse falando da sua formação.

N.O. – Bom, primeiro lugar, bom dia. Queria agradecer o convite para se tratar de um projeto tão importante na nossa área e que tive a felicidade de estar participando daquele momento e, de alguma maneira, contribuído junto com demais colegas que estiveram nessa situação. Sou aluno formado na primeira turma da Universidade Federal do Pará, a UFPA, no ano de 2000. Após a minha formação eu continuei ainda nessa questão dos estudos e fiz a pós-graduação a nível de especialização [TRECHO INAUDÍVEL] na área de Atividade Física e Saúde e, posteriormente, busquei outras especializações na área de Fisiologia do Exercício, na área da Preparação Física e com o Handebol, por ser ex-atleta, foi uma modalidade que me levou a conseguir muita coisa através dela. Então, a minha vida foi focada, depois da universidade, muito na área do esporte de rendimento, e hoje, tenho essa especialidade também, onde eu tenho trabalhado, nos últimos dez anos, nessa área com a seleção de talentos.

C.M – E você, no seu trabalho, o que você fez depois da faculdade?

N.O. – Em que sentido? Assim que formei?

C.M – Depois você trabalhou em escola?

N.O. – Assim, depois que eu formei... Como antes de entrar na universidade eu já tinha uma vivência na área, nós chamamos de “fitness”, na academia, eu continuei trabalhando com a musculação e também associando preparação física, e sempre o handebol atrelado a isso. E consegui na área do “personal training”. Naquela época ainda estava muito, vamos dizer, engatinhando o processo, mas sempre trabalhei em academia com gerenciamento, com formação e treinamento das equipes dentro da academia. Que equipes? As equipes de professores. E atrelado a isso também eu estava, após... O Programa de Esporte e Lazer na

Cidade, me deu muita visibilidade porque dentro das ações, nós temos uma atividade que nós chamávamos de ginástica, e dentro da ginástica, nós colocávamos a ginástica aeróbica onde, na ocasião, por não ter feito a formação ainda nessa área, eu assumi as turmas. Então, isso me deu muita visibilidade para que, posteriormente, eu viesse a trabalhar em outros projetos com o mesmo perfil e nessas áreas que eu trabalhava lá. Depois da graduação, eu continuei trabalhando na área da academia, reforçando, e também nessa área de projeto voltado para a atividade física e saúde... Um parêntese para as escolas: eu nunca trabalhei em escola pública por muito tempo. Eu tive duas experiências no estado, eu trabalhei seis meses em uma escola e oito meses na outra, e a minha vida nas escolas que eu trabalhei foi sempre em escola particular por conta da formação de equipe. As escolas particulares aqui do Pará, elas são as únicas que investem com bolsa para atleta dando incentivo e aí, como eu tinha as minhas equipes, eu verificava os atletas... Então, eu trabalhei em escolas particulares desde que formei, em apenas quatro escolas. Eu trabalhei na primeira escola quatro anos e dez meses, fui para outra escola onde eu trabalhei durante dois anos, fui para uma terceira escola onde eu trabalhei por mais dois anos e, atualmente, estou em uma outra escola que também tem três anos que estou trabalhando e que vai dar justamente o meu tempo de formação, mas sempre fui voltado ao esporte escolar.

C.M – E como você se envolveu com o Programa Esporte e Lazer na Cidade?

N.O. – Como eu citei aqui em “off” antes de começar a entrevista, assim... Eu, por ser aluno da faculdade, naquele momento o projeto, ele não pedia para que... Não sei se funciona assim hoje, mas o projeto, ele não pedia que tivesse ninguém graduado na área. O projeto, pelo que eu percebi, ele tinha que colocar algumas pessoas que tivessem uma vertente na população política e na ocasião a nossa coordenadora era do partido que tocava o projeto, no caso... Não sei se pode falar tranquilamente disso aqui, o PT¹. Então eles tinham uma base aqui no município.

C.M – A coordenadora era a Ruth².

¹ Partido dos Trabalhadores

² Ruthinere Ribeiro Farias.

N.O. – Sim, aí ela era a pessoa mais indicada e ela tinha que vincular outras pessoas também que tivessem esse perfil e foi o Jefferson³ que era um outro colega também. Eu e a professora Hildeana⁴ já entramos pela nossa característica e pela mobilização que a gente fazia. Então, dentro da nossa turma, os quarenta e oito, cinquenta alunos de Educação Física naquela época, a gente se destacava bastante pelas ações. A Hildeana até hoje é uma referencia na área da terceira idade aqui, uma das poucas gerontólogas do Brasil e aí eu entrei assim, nesse sentido de olhar o perfil... “Ele trabalha com esportes”. “Ele consegue gerenciar um grupo de pessoas”. Foi a partir daí que me chamou para uma conversa, ela disse que abriu o projeto e se eu tinha interesse de participar e, naquela ocasião... Até porque era remunerado e a gente é acostumado a trabalhar sempre na parte da filantropia. Então, unir o útil ao agradável.

C.M – Quando você entrou?

N.O. – No ano?

C.M – É.

N.O. – Eu acredito que foi em 2004 que foi o ano que...

C.M – Mas foi já no início ou mais para o fim?

N.O. – No começo do projeto... Tanto é que nós nos reunimos eu... Eu vou citar nomes aqui porque são pessoas que foram importantes no processo, tá? Por exemplo, o professor Paulo Lima⁵, lá de Belém e que também na Faculdade de Educação Física, ele foi muito importante nesse processo porque ele fez uma espécie de formação com a gente. Antes do projeto começar, ele foi, junto a Ruthinere, ao Jefferson e a Hildeana, e a gente reunia com muita frequência para saber que passos deveriam dar.... Se ele tivesse uma parceria com alunos dessa idade e, diga-se de passagem, naquele momento dentro das ações que tiveram

³ Jefferson Alves Teixeira.

⁴ Hildeana Nogueira Dias Souza.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

no Brasil, o PELC⁶, naquele momento, foi a primeira cidade onde a parceria não foi feita com a prefeitura, foi feito com a universidade, por conta de que a prefeitura era oposição e tinha-se um receio de não tocar. Então, nós começamos nesse processo de... Como éramos alunos que estávamos formando, nós terminamos nosso curso em 2003 e a nossa colação de grau foi 28 de maio de 2004, vai fazer agora doze anos. E aí, nós começamos do começo desse projeto, a gente esteve lá e, diga-se de passagem, a mesma equipe que iniciou enquanto coordenador geral, Ruthinere, e coordenador de polos, eu, Jefferson e professora Hildeana, nós fomos até o final do projeto.

C.M – Você sabe por que que o PELC veio para Castanhal além dessa questão do partido?

N.O. – Eu acredito, pelo o que eu procurei pesquisar e acredito que até tente hoje, ou melhor, não até tente, mas o caminho que eles tomam é verificar a quantidade de habitantes de uma região e a partir dessa quantidade de habitantes, eles vão estar verificando também a questão IDEB⁷, IDH⁸ e outros fatores de desenvolvimento para poder chegar. Por que eu te digo isso? Porque, posteriormente ao PELC, eu fui contratado junto a prefeitura de Castanhal e eu fui vinculado a uma plataforma do Governo Federal chamado de SINCOV⁹ que é o sistema de convênio, então, isso me deu propriedade para entender um pouco mais do processo porque hoje eu posso te dizer que o PELC. Ele veio para cá primeiro, obviamente, pela questão da articulação do... Junto a situação local que nós tínhamos uma base forte para quem não podia ir para Belém. O município que, teoricamente, poderia vim atender melhor, era Castanhal porque, naquele momento, também nós tínhamos uma pessoa que era candidata do Partido dos Trabalhadores chamada Araceli Lemos. Então, eu entendi dessa forma, eu não sou afiliado a nenhum partido político, mas eu entendi que aquilo ali é uma forma de alavancar e de alguma forma encaminhar a candidatura dela e campanha para prefeita de Castanhal e que foi uma boa campanha tanto que foi essa o motivo da escolha e segundo pela questão da característica de Castanhal por poder abrigar e por ter essa saída da própria universidade.

⁶ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

⁷ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

⁸ Índice de Desenvolvimento Humano.

⁹ Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse do Governo Federal.

C.M – E qual que era a proposta inicial do... O que o pessoal do PELC falava que queria de vocês?

N.O. – Quando você fala “pessoal do PELC” você se refere...

C.M – Ao Ministério do Esporte.

N.O. – Ministério. Bom, o que vinha na proposta era que nós tínhamos que trabalhar com as iniciativas de esporte e lazer e aí, já aproveitando para citar o Tubino¹⁰, o esporte ele está classificado como, nessas manifestações sociais, em três grandes dimensões que é: o esporte participativo ou lazer, o esporte educativo ou educacional e o esporte de alto rendimento. Então, a vertente era para trabalhar com o esporte participativo e também com alguma vertente do esporte educacional, aí o que que poderia estar fazendo? Proporcionar, que de maneira geral além do esporte, nós pudéssemos captar pessoas que fossem líderes nas suas comunidades e trabalhar com outras atividades que não fossem só o esporte. Aí nós tivemos a entrada da dança, nós tivemos a entrada do teatro também... A capoeira veio agregar essa situação também e nós tivemos a questão das temáticas para debate em cada comunidade. “Nós vamos falar aqui sobre saúde” convidaram alguém para falar sobre saúde. “Vamos falar sobre a questão da violência urbana”. Então temas paralelos aos transversais eram trabalhados dessa forma no projeto, mas no geral a gente trabalhava com esporte, com arte e lazer.

C.M – E como que vocês se organizavam? Você me contou que tinha a coordenadora geral que era a Ruth e três polos. Como eram organizados esses polos?

N.O. – Nós tínhamos, no papel da Ruthinere, a pessoa que representava a gente, nossa coordenadora, mas em nenhum momento ela se colocava acima da gente, era legal que ela chamava todo mundo para conversar. Então a gente dialogava no mesmo nível e a Ruthinere conversou conosco e antes de a gente assumir os polos, ela falou que cada um devia ter o seu perfil. Eu, um pouco mais melhorado agora, mas na hora de articular alguma coisa muito exclusivo, então, não dava para ficar na Federal pelo polo que...

¹⁰ José Manoel Gomes Tubino.

Universitário, pelas pessoas que... Elas se apresentam de várias maneiras e o que acontece? Se apresentam vários tipos de pessoas que defendem determinados tipos de filosofias, de partidos, etc e tal. E o Jefferson era mais adequado a isso, a esse tipo de debate e a gente se organizou aí: coordenação geral, Ruthinere; e aí nós tínhamos coordenador de polos, quais polos? Polo da UFPA¹¹, que era o polo com a menor quantidade de bolsistas. Vou já falar sobre bolsistas, e participantes, e lá se oferecia mais jogos recreativos; nós tínhamos a comunidade do polo lá do Jaderlândia, que ele atendia lá em uma comunidade da igreja que eu não me recordo o nome agora, a Hildeana pode falar para você depois, mas lá eles eram o segundo maior polo, trabalhavam com esporte, teatro, dança, que é uma coisa que a Hildeana adora. E tinha o maior polo que era o polo do Estrela, onde a gente tinha mais de mil e quinhentas pessoas. Nesse polo de Estrela a gente tinha como eu a pessoa que era coordenador. Então, sob coordenação geral, a professora Ruthinere; e aí o polo da UFPA, o professor Jefferson coordenador; polo do Jaderlândia, professora Hildeana como coordenadora; e no polo de Estrela eu. Isso os coordenadores. Na estrutura, nós tínhamos os bolsistas que nós chamávamos de monitores. E aí, para cada polo, dependendo da atividade que fosse colocada, nós tínhamos um coordenador. Vou falar do polo que tenho mais propriedade que é o de Estrela. Então na coordenação da ginástica no nosso polo, como nós tínhamos pessoas que trabalhavam de manhã e outras pessoas que trabalhavam de tarde, ninguém trabalhava de manhã e de tarde enquanto monitor... Nós tínhamos de manhã a coordenadora da ginástica, a professora Deise Barbosa¹² e na parte da tarde a coordenadora da ginástica era a professora Natasha¹³. Na coordenação de brinquedos e brincadeiras, nós tínhamos pela manhã a professora Pâmela Rozean¹⁴ e na parte da tarde outra professora também com o mesmo nome Rozean¹⁵. Aí tinha pessoas para orientação e caminhada, as pessoas responsáveis pela modalidade de handebol e futebol.

C.M – Essas coordenadoras que você disse de ginástica, de brinquedos, eram monitoras?

N.O. – Eram monitoras.

¹¹ Universidade Federal do Pará.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

C.M – Agora são professores?

N.O. – É, e a gente dizia que era [TRECHO INAUDÍVEL] sempre a gente deixava duas ou mais pessoas por atividade e isso era legal porque a gente conseguia estimular o debate, o processo coletivo para não... Cada um tinha a sua habilidade. Mas a principal coisa que chamava atenção no processo, além das coordenações e as monitorias, era a formação continuada. Toda sexta-feira nós fazíamos a formação continuada.

C.M – No polo?

N.O. – Em cada polo. A gente começou em cada polo, fracionar, nós pegávamos: “Olha, aqui no polo, na turma que tem... Nós fazemos atividades de brinquedo e brincadeiras, tem um menino muito revoltado, ele fala muito palavrão, ele briga com os pais, como é que eu vou atender ele?” Aí eles chamavam alguém do conselho tutelar ou psicólogo para trabalhar conosco e dizia: “Olha, quando for assim, você trabalha dessa forma”. Nos primeiros dois, três meses da formação continuada se deu em cada polo, se reunia separado. A partir do quarto mês, nós juntávamos todo mundo, todos os bolsistas em um só local e aí começamos a fazer a formação continuada e isso deu uma resposta muito boa para a gente.

C.M – Como que vocês escolhiam os bolsistas?

N.O. – O processo era, primeiro, a partir das atividades que seriam propostas, aquelas pessoas que tivessem um perfil onde elas tivessem a condição de ministrar a atividade, por exemplo, na ginastica aeróbica, a professora Natasha, na época, e a professora Deise eram as únicas pessoas que tinham esse perfil porque, dentro da universidade, foi o que a gente buscou. É bom salientar o seguinte: as áreas mais relacionadas a formação da Educação Física, nós buscamos no curso obviamente, mas nós tínhamos pessoas que não eram da universidade como, por exemplo, o professor de capoeira, o Nivaldo¹⁶, um cara muito competente, mas não tinha formação. Então, nós buscávamos nas comunidade porque o objetivo também era identificar que em cada comunidade, uma pessoa dali daquele local,

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

ela pudesse estar atendendo, encaminhando o serviço, aí abre novamente outro parênteses e pensa: “Poxa se ele é da comunidade, ele é mais conhecido, então é mais fácil alguém da comunidade trabalhar do que uma pessoa de fora.” Talvez estivesse algo errado no pensamento, mas eu pensei assim. Então, os bolsistas eram selecionados pelo seu perfil, aí alguns gostavam de futebol se identificavam jogando futebol... A gente tinha a professora Aline¹⁷, supercompetente, trabalhava muito com expressão corporal, danças, e aí nós colocávamos dessa forma. E a gente - só um detalhe - a gente sentava e aí tinha a hora do debate entre os quatro: eu e Hildeana e mais os outros dois que era a Ruthinere e o Jefferson e, às vezes, a gente entrava em conflito: “Bom, não eu não acho que essa pessoa vá dar certo.” Aí a gente debatia e no final a gente acordava alguma coisa porque antes deles assumirem o processo enquanto monitores, tinha um processo seletivo, um processo de seleção, a gente pegou e chamou todo mundo...

C.M – Entrevista?

N.O. – É, através de entrevistas, de disponibilidade, de perfil, e aí a gente fez uma triagem e dali a gente já adequou. O que foi legal é que, durante o processo, a gente conseguiu transferir pessoas: “Eu comecei no futebol e terminei fazendo recreação”. “Eu comecei com recreação e fui pra uma área só de brinquedos cantados” e aí...

C.M – E como que era decidido quais atividades iam ter?

N.O. – Bom, as atividades, como eu falei, ela veio em um projeto com o perfil de esporte participativo, esporte de lazer, e algumas atividades do teatro, dança e etc. Então, dentro do corpo do projeto, ele já nos passava uma planilha também de materiais que seriam repassadas a nós, como bolas, como tinta guache, etc. A partir dali a gente visualizava que atividade poderia fazer e aproveitar. Por exemplo, seria uma tremenda incoerência se a gente colocasse que a gente ia fazer natação, a gente não tinha piscina. Na verdade, o meu curso, eu terminei o curso e nunca fiz aula de natação em uma piscina na universidade; fizemos fora duas ou três aulas, coisas do processo. Então, não tinha porque, de repente ver que não tinha disponibilidade de macarrão e de flutuadores, mas o que tinha de

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

disponibilidade do material, dentro do projeto, a gente focou de trabalhar com essas atividades e assim seguiu.

C.M – E esse projeto que você diz era o pessoal da UFPA que tinha feito ou era a do ministério?

N.O. – Não, aquele projeto do Ministério... Passa para a gente os valores que vai passar, financeiros, para coordenador, para bolsista, quantidade de horas, material que poderia ser acompanhado e material que seriam doados também, porque tiveram processos... Desculpa, materiais do projeto do Pintando a Liberdade que recebia bolas de futebol, de voleibol, ou melhor, todas as bolas que vieram para o Pintando a Liberdade eram muito ruins, eu quase não usava porque machucava muito as crianças. Mas o material que, por exemplo, as bolas com guizo que era para deficientes visual que a gente usava para o Goball¹⁸, esse material foi muito útil. Até um tempo atrás ainda tinha umas bolas na universidade aí...

C.M – E que estrutura que vocês tinham especialmente... Vocês tinham quadra, tinham sala? Poderias descrever o que vocês tinham disponível...

N.O. – Eu vou tentar colocar a estrutura e o que se tinha na época, tá? Hoje, por exemplo, a Federal não ia ficar no fogo cruzado em termos de estrutura para oferecer. Bom, na universidade, já que eu estou falando, na UFPA, nós tínhamos só o pavilhão central naquela época. Se você puder visitar a universidade, logo que se chega lá do lado esquerdo, hoje tem um bloco administrativo. Ali não existia, eram algumas casinhas de madeira e a gente usava uma sala para guardar nosso material que veio. Então, na UFPA os meninos brincavam em um campo lá atrás e nas áreas que estavam desocupadas para brincar com jogos populares, pular corda, cabo de guerra, marinha e etc. No polo da UFPA também, nós tínhamos duas salas de aula que, quando estavam ociosas, a gente poderia estar utilizando para algum tipo de atividade e trabalhávamos ali junto onde estava começando um projeto de terceira idade que era o GETI¹⁹. A gente começava a fazer alguma atividade com os idosos. Na Casa da Sopa, no polo de Jaderlândia, a Hildeana tinha um espaço

¹⁸ Modalidade paraolímpica.

¹⁹ Grupo da Terceira Idade.

disponível de, eu vou chamar de salão, onde comportava umas sessenta pessoas e ela fazia as atividades com o bolsista dela lá na área de recreação, artesanato... Nossa, eles faziam vários tipos de brinquedos porque tinha uma creche, então, as mães ficavam lá, às vezes, no projeto fazendo algumas peças de artesanato. E lá também funcionava a parte de dança, não tinha quadra. O único espaço que tinha quadra disponível era espaço que eu trabalhava que era na praça de Estrela e lá tinha uma quadra poliesportiva, de cimento, várias quadras de areia, uma quadra grande e uma arena para futebol. E na ocasião da praça de Estrela, a gente trabalhava lá e a dificuldade era para se guardar o material, então, a gente tinha que levar nas costas e trazer o tempo todo, coisa que não acontecia na Federal nem no outro polo em Jaderlândia porque tinha uma salinha. E a gente disponibilizava de “micro system” para as aulas de ginástica aeróbica, os materiais esportivos, como bolas e redes para as modalidades que necessitavam, questões de materiais de tinta guache, pincéis, essas coisas para trabalhar na parte de cultura desenho.

C.M – E como era o público? Tinham crianças? Tinham idosos? As atividades eram conjuntas? Eram separadas por idade?

N.O. – Inicialmente, nós tivemos uma dificuldade porque a ideia, como o professor Paulo colocou para a gente, era que os alunos, que estão de acordo com isso e era de acordo também obviamente na época, que os alunos, os participantes, eles pudessem frequentar várias atividades. Mas inicialmente nós dividimos primeiro por faixas etárias. Aí, divididos por faixas etárias, as crianças iam, por exemplo, poderia ter crianças de três, quatro, cinco anos que poderiam participar, por exemplo, de uma atividade como a pintura, o papel, os brinquedos cantados. Essas mesmas crianças que eu citei, da faixa etária até seis anos, não dá pra participar das práticas esportivas, obviamente, primeiro que eram espaços abertos e o sol muito, muito forte, a gente não disponibilizava de água no nosso polo, eram uma dificuldade grande disso, e aí a gente dividia em faixas etárias e cada faixa etária direcionada para um tipo de atividade, mas só que a gente não estava conseguindo colocar muitas pessoas em determinada atividade. Estou falando com relação ao polo de Estrela, então, nós colocamos assim “lazer na escola” nós conversamos com as escolas e cada final de semana, cada sábado, a gente pegava, a gente direcionava para uma escola todas as atividades que a gente adaptava naquela escola, e assim a gente foi caminhando com o lazer na escola. Aí depois a escola disse assim: “Não, mas eu acho que se tem a praça e os

alunos estão na praça de novo, a gente tem que fazer esses alunos irem para lá” Aí nós invertemos, a gente começou a pegar a comunicar “Minha escola vai à praça” [riso]. Então, as escolas iam até a praça e lá a gente dava pronta as atividades, e funcionava assim dividido por modalidades e por faixas etárias, a gente procura limitar até dezessete anos, mas a gente tinha pessoas acima de dezessete anos, dezoito, vinte que participavam.

C.M – As atividades lá na praça vocês não tinham nenhum espaço coberto?

N.O. – Só o palco. O palco da praça onde a gente fazia a ginastica aeróbica lá em cima.

C.M – E quando chovia, as atividades eram canceladas?

N.O. – Não eram porque a gente fazia no palco. A praça de Estrela, ela é uma praça que ela tem, deixa eu usar a matemática aqui rapidinho, oitocentos... Não, calma, calma, calma, quatrocentos por duzentos... Na verdade da oito mil metros quadrados. É uma praça que ela dispunha de uma concha acústica e a gente, quando ia dar uma aula de ginástica, ficava um professor lá no palco, com os alunos lá embaixo e quando chovia, subia. Aí dava para fazer. Até hoje é assim nos programas, quando chove, o pessoal sobe.

C.M – E tinha mais mulheres ou mais homens?

N.O. – Ah, tinha aquela. Com relação a ginástica, tinha mais mulheres, um percentual quase de 100%. Agora com relação as outras atividades, a gente tinha uma quantidade bem assim equivalente de meninas e meninos.

C.M – Nailton, descreva melhor um pouquinho a sua função? Você estava desde a seleção de monitores até a formação, qual que era a sua rotina? Você ia todo dia para o núcleo?

N.O. – A gente se organizou para... De segunda a sexta-feira para estar, inicialmente, se organizou... Quando eu falo inicialmente, é nos quatro primeiros meses. A gente acabou ficando de segunda a sexta-feira para as atividades e no dia de sábado a gente tirava um tempo para reunir nós quatro e durante a semana a gente se deslocava diretamente. Então, nos primeiros meses, acho que nos dois primeiros meses, eu ficava direto de manhã, de

tarde e até começando a noite, mas depois, por demandas externas, eu acabava ficando pela manhã... Eu acabava ficando, vamos dizer assim, começava as oito da manhã a atividade e acabava por volta de onze e aí tinha vezes de manhã que eu chegava de oito e ficava até nove e meia, ou chegava na parte final. “E na tua ausência como ficava essas coisas?” Aí nós colocamos em cada um dos turnos, uma secretária, de manhã tinha Daniele Neirete²⁰ que ajudava pela manhã e na parte da tarde a Damaris Mendes²¹. Então, quando eu estava ausente, tipo assim, eu conversava com elas: “Olha, vocês vão ter que cumprir três horas em cada” porque era um pacote “umas três horas em cada turno” porque essa era uma hora que elas não cumpriam durante a semana justamente encaminhava para o final de semana que a gente ia reunir, então era interessante eles estarem com a gente. E aí eu chegava: “Olha, a hora amanhã, terça-feira, eu vou chegar só nove e meia” então de oito horas até eu chegar vocês vão me passar o que aconteceu, tipo “nós tivemos isso aqui”; “veio uma pessoa me procurar” e a gente levava assim. A minha função junto a Ruth era de repassar essas situações e a gente trabalhava com as informações continuadas, todos nós fazíamos algum tipo de palestra, de estudo. Por exemplo, eu cheguei a ministrar dentro dos polos, não só no polo que eu era coordenador, mas em cheguei a ministrar oficina de primeiros-socorros, que era uma carência que a gente tinha, ministrei também atividades... Uma oficina de alongamento também porque os outros colegas precisavam nos outros polos. E a professora Hildeana veio falar um pouco sobre dança, a professora Ruthinere ia falar um pouco sobre gestão de pessoas, o professor Rubenixson²² que é importante citá-lo, que era professor, irmão da Ruthinere, tocava também um projeto conosco. Ele foi fazer para a gente uma oficina de “como trabalhar em grupo” porque começou a ter aquela questão das vaidades, de achar que um polo era melhor que o outro, enfim, era dessa forma que a gente se organizava.

C.M – Vocês receberam materiais esportivos durante uma vez só ou receberam durante todo o projeto?

N.O. – Chris, eu acho que a gente recebeu material esportivo só uma vez. “Como foi Nailton?” O material chegava em abril, em maio, em junho, ele foi vindo por partes. O

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Rubenixson Ribeiro Farias.

pedido foi feito de uma só vez, dentro das especificações que o projeto nos solicitava. Então nós fizemos o pedido e nesse pedido, a gente pedia, por exemplo, dois “microsystems” porque tinha que ter um “microsystem” na Casa da Sopa que tinha atividade aeróbica e um “microsystem” lá no Estrela. Não precisava na Federal porque não tinha aula de ginástica lá, era um ponto. Nós precisávamos de bolas, que era muito comum, precisávamos de bambolês, de colchonetes, então, a gente ficava lá e tinha que esperar, aquela coisa, que nem... Não recordo se não podia comprar tudo em um só lugar, se tinha um valor financeiro que tinha que comprar em uma empresa ou se precisava de licitação. Eu sei que o processo demorava e a gente acabou o projeto e veio o material que não chegou, que a gente pediu, e aí ficava complicado dessa manutenção porque pela qualidade dos materiais que vinham, eram materiais que se extraviavam logo, rasgavam assim e até por volta de 2006, 2007, eu ainda tinha material em casa, eu guardava as bolas furadas todas, sim, porque eu não sabia como funcionava e se um dia alguém quisesse prestação de conta, eu estava com o material que eu peguei lá. E na universidade, aqui em Castanhal, a gente vez ou outra lá pelo depósito. Por que eu falo a gente? Porque trabalhei como professor substituto na Federal e hoje eu trabalho como professor colaborador em um projeto de extensão de handebol e quando a gente vai lá arrumar a sala, tem que arrumar de novo, a gente arrumou outro dia lá e viu que tinha umas bolas com guizo, algumas coisas que estavam com a marca da bandeirinha do Ministério do Esporte. Então, o projeto fornecia o material sim, mas ele vem assim um pouco que arrastado.

C.M – Nailton, como é que foi a sua formação além daquela com o professor Paulo? Vocês foram em outro lugar para encontrar outros formadores?

N.O. – Nós, coordenadores, especificamente assim, mas eu e a Ruthinere, a gente andava muito junto a gente era muito amigo assim – a gente brigava muito também [riso] – mas assim a Ruthinere sempre me levava e a gente não tinha um secretário geral. Então a gente tinha o professor Paulo Lima, ele veio para algumas formações em Castanhal, também, alguns momentos. Nós tivemos formação também onde foi feita na [TRECHO INAUDÍVEL] na época. O Rubenixson também deu formação para a gente e o professor Adriano²³, na época, deu formação para a gente.

²³ Rubenixson Ribeiro Farias.

C.M – Vocês foram para outras cidades?

N.O. – Só Belém, mas só eu e a Ruth.

C.M – Você sentiu impacto da realização do PELC especialmente na comunidade...

N.O. – Sim. O que acontecia era que Castanhal – naquele momento – tinha os espaços voltados para o esporte e lazer como tem em grande quantidade. Nós somos um município que temos mais de cinquenta ginásios poliesportivos e nenhum, nenhum, nenhum professor de Educação Física usando esses ginásios. Eu estou falando que hoje, para você, em maio de 2016. Então, naquele momento, o que acontecia? A gente não ficou parado esperando as crianças chegarem. Por exemplo, em cada um desses polos que eu te falei, a gente fazia mobilização, a gente ia para a rua, batia de porta em porta: “Olá, tudo bem? Meu nome é Nailton, sou professor de Educação Física e a gente está vindo aqui falar para vocês que a gente funciona nesses dias que está nesse papelzinho aqui com atividades de esporte, de dança, de recreação, de orientação de saúde lá na Casa da Sopa. A senhora pode ir lá conosco”. Então, eles perceberam que a gente foi buscar e isso gerou transformações para dentro da casa de cada um. E a gente, através de algumas atividades, conseguia perceber. Por exemplo, em uma atividade simples de pintura e papel, a gente fazia para as crianças e tinha que ter a volta calma, nas atividades a gente colocava assim a cada quinze dias a gente fazia, nós chamávamos de Ruas de Lazer, e a gente se organizava e no final a gente pedia para as crianças: “Agora pinte ou faça a pintura que você mais quiser aqui.” E a criança pintava, imagem de uma criancinha segurando a mão da outra, a imagem de alguém um pouco maior que elas, bonequinho, e as outras crianças era o professor e uma imagem, por exemplo, de um policial, dá para entender, e a criança com as mãos levantadas e nós perguntamos para a criança o que significava aquilo e ela falou que era uma imagem que ela tinha do pai dela, porque ele tinha sido preso e foi assim que ela viu... Está entendendo? A Ruthinere, na graduação, ela fez um... o seu TCC²⁴, a sua monografia relacionada ao esporte e lazer, ela tem algumas imagens dessa que ela pode estar conversando com você. Acredito que ela guardou o TCC dela, o meu está guardado [risos].

²⁴ Trabalho de Conclusão de Curso.

E aí, a gente via que eles se transformavam muito porque a gente começou a ver os pais vindo conosco e era uma coisa que dentro de cada casa soava positivamente porque as crianças, até então, ficavam nas ruas e a gente conseguiu ser convidado para ir nas casas das crianças. A gente passava em algumas comunidades e: “E aí tio?” E se você fala “e aí tio” é porque me conhece de algum canto e a gente olhava, eram crianças que anteriormente ao projeto ficavam largados e ansiosas, e depois a gente conseguia com as atividades.

C.M – E na cidade, surgiu alguma outra ação pública para o esporte e lazer depois do PELC?

N.O. – Eu não sei te falar se o que veio a surgir constantemente... Eu estava lá também, ela foi devido a ação do PELC, mas que houve sim. Um programa que é do Ministério do Esporte também que é o Programa Segundo Tempo e aqui veio a funcionar em algumas escolas. Mas teve um programa, um projeto chamado Programa Corpo Saudável, esse projeto porque na ginástica aeróbica a gente reunia muita gente, então, é uma atividade voltada para a prática de exercício físico através de alongamentos e ginástica aeróbia e que dava muita gente. Esse foi um projeto que veio posteriormente. O município criou em 2007 – não se preocupa que a minha memória ainda é boa – criou um programa chamado de Projeto Esportivo Sociocultural Cuca Legal. Ele era muito parecido porque eu tive acesso ao ponto do projeto com o Projeto Esporte e Lazer da Cidade, mas não tinha questão de monitoria; o que tinham era alunos estagiários onde eles iam para determinado polo, para determinada escola ou quadra, caso ginásio, e eles faziam as atividades com a supervisão de um coordenador. O Projeto Esportivo Socialcultural Cuca Legal tinha um coordenador geral e tinha outros dois coordenadores para poder gerenciar os estagiários e o projeto também fez uma parceria com a universidade onde fazia a entrevista com alunos da Educação Física. Na questão do Cuca Legal se diferia, diferenciava do PELC porque os professores, monitores, que trabalhavam no PELC não necessariamente precisavam ser da Educação Física., estar estudando. Já no Cuca Legal obrigatoriamente era.

C.M – Na praça Estrela, tu acha que a comunidade ocupou mais a praça depois do PELC?

N.O. – Não, não porque, pelo contrário, a praça ela... A gente tinha certas resistências de estar fazendo lá pela violência. Era comum naquela época e nós dávamos aula em quatro. Hoje está pesado. Então foi aí, nesse momento, que a gente viu que, por estar muito violenta, a praça e a comunidade não está chegando. Então vai ser o lazer na escola, nós saímos da praça, e isso é específico da praça, não se diz respeito a UFPA e a Casa da Sopa. A gente saiu da praça e fomos nas escolas, fomos na escola Latif Jatene²⁵ que é lá pertinho, da Graziela Gabriel²⁶, no Rota. Nós começamos a nos deslocar para essas comunidades porque a gente não queria ficar ocioso e isso daí partiu dos próprios monitores também no final: “Vamos para tal lugar” “Tal lugar é muito violento, vamos para lá!” Aí a gente depois se preparou e voltou para a praça, daí a gente voltou com mais força. Aí para praça, para não ficar mais, porque não tinha água na praça, não tinha banheiro. Aí falamos que na praça a gente ia fazer atividade semanalmente. A gente vai reunir todo mundo lá, aí consegui a doação de pipoca, alguma coisa...

C.M – E até quando foi o projeto. Você ficou até o final?

N.O. – Eu fiquei nos dez meses do projeto e após isso daí vieram uma série de coisas que disseram que ele não ia renovar e como de fato não renovou. A gente não sabia ao certo porque dessa não renovação, mas isso foi, de certa forma, desestimulando os bolsistas e eles começaram a procurar outros caminhos, mas enquanto... Esse período de dez meses a gente ficou todo mundo junto e aí ao final, eu esperava que ao final eles pegasse uma relação com a quantidade de bolsistas que tiveram conosco, se tivessem alguma alteração, quem entrou quem saiu, quantidade de atendimento. Nesses relatórios que nós tínhamos e acredito que alguns devem ter enviado alguma coisa, se perde muito. Eu guardei por cinco anos os documentos e já era 2009 e precisava estar com a minha filha e aí deixei de lado lá. Muita coisa legal registrada, eu tenho fotos!

C.M – Que bom!

N.O. – Tenho fotos ainda em casa de lá. Que a gente naquela época não tinha câmera digital, a gente tirava foto e mandava revelar, tem muita foto. Cada lugar que a gente ia,

²⁵ Escola Municipal de Ensino Fundamental Latif Ronald Oliveira Jatene

²⁶ Escola Municipal de Ensino Fundamental Graziela Gabriel

por exemplo, nós começamos a ir na praça da Matriz aqui pertinho, a gente fazia uns painéis veio umas... Tem um material que a gente não comprou, mas que o Ministério mandava já para a gente e tinha, nós chamamos de sarrapinha aqui, é um saco, é como se fosse um pano, todo furadinho e a gente fazia painéis, a gente colocava as fotos e o pessoal passava e olhava assim: “Pô, que legal essa atividade.” E a gente ainda tem as fotos, quando a gente foi guardar os painéis, eu tirei e guardei as fotos, tem muita foto.

C.M – Ah a gente tem muito o que ver nessas fotos...

N.O. – Eu posso estar vendo se eu posso escanear para estar mandando.

C.M – Que ótimo. Professor, tem mais alguma coisa que quer deixar registrado sobre esse projeto?

N.O. – Assim: a questão do projeto que eu gostaria de falar é ressaltar que o esporte sem sombra de dúvida, é a ferramenta, umas das principais, se não a principal, ferramenta para combater a ociosidade e que a gente possa legitimar esse fenômeno como um aspecto formativo. E daí, em uma posterior, não sei se alguém vai ler isso com uma situação de tentar aproveitar algo para fazer ligado ao projeto, é que seja verificado aquelas regiões onde se mais necessita da intervenção porque a gente precisa muito. Nós temos hoje em Castanhal uma faculdade com várias turmas de Educação Física, faculdade pública e federal, nós temos faculdades particulares aqui em Castanhal também, então, que se possa olhar com carinho em cidades que tenham esse perfil para tocar o projeto e naquelas que também não tenham um perfil que nem o de Castanhal, aquelas que não tem faculdade, aquelas que tem pessoas com pouca formação ou nenhuma, que também o projeto possa chegar lá porque foi assim que nasceu aqui. Que a gente consiga fazer valer assim essa prática, formação do cidadão, com valor, acho que isso é muito importante.

C.M – Professor, é isso, agradeço muitíssimo a entrevista, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]